

uma aventura

Ana Maria Maçalhães
Isabel Alçada

Ilustrações de
Arlindo Faqundes

no comboio



CAMINHO

Ficha Técnica

Título: Uma Aventura no Comboio

Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

ISBN: 9789722121514

Editorial Caminho, SA

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Editorial Caminho, SA, 2006

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.caminho.leya.com

www.leya.pt

*Aos queridíssimos Madalena,
Manuel Maria, Miguel Maria I,
Constança, Rosarinho, Joaninha,
Pedro, Miguel Maria II, Leonor, Maria,
Beatriz, Ana, Isabel e Catarina*

Capítulo 1

Que cena!

Quando o autocarro fez uma paragem brusca ouviu-se um grito agudo lá atrás:

— Aiii!

Toda a gente se voltou em sobressalto. As gémeas, que iam sentadas, levantaram-se a tempo de verem uma rapariga, de olhos esbugalhados e baba ao canto da boca, ficar rígida como uma estátua. Logo a seguir perdeu os sentidos, escorregou devagarinho pelo meio dos passageiros e terminou estatelada no chão.

— Será esta? — cochicharam.

Pedro e Chico, que viajavam perto da desmaiada, apressaram-se a socorrê-la. João também saiu do lugar para pedir às pessoas que se afastassem:

— Por favor, por favor, precisamos de espaço...

Houve quem obedecesse mas também houve quem se aproximasse ainda mais e até se ouviu uma voz a perguntar bem alto:

— Está morta? Está morta?

Aquela pergunta desencadeou uma berraria entre os passageiros:

— Parem o autocarro!

— Chamem uma ambulância!

— Deixem-me sair, que eu não posso ver sangue!

Curiosamente, o motorista manteve-se indiferente. Julgando que não dera por nada, várias pessoas tentaram avisá-lo:

- Pare! Por favor, pare!
- Só na paragem — foi a resposta seca.
- É que caiu uma rapariga. Pode ter sido ataque de coração.
- Não se enervem, que os ataques de coração das raparigas depressa passam. O que é preciso é calma!

Desta vez falara como se até achasse graça à situação. E perante o olhar indignado de quem o rodeava, assobiou ao de leve e acelerou pela rua acima.

Entretanto, lá atrás, Chico abanava a rapariga e perguntava-lhe:

- Ouve o que eu digo? Consegue ouvir o que eu digo?

Como ela não dava acordo pousou-lhe a mão no peito a ver se respirava. Pedro, também de cócoras, usou a ponta dos dedos para procurar a artéria do pescoço onde se sente pulsar o sangue.

- O coração está a bater.
- Mas eu não sinto a respiração — disse o Chico.
- Então é melhor desapertar-lhe a roupa!

João soltou-lhe imediatamente os botões da blusa, Pedro inclinou-lhe a cabeça para trás, Chico tapou-lhe o nariz e começou a fazer respiração boca a boca.

Durante uns segundos os outros passageiros observaram a cena em silêncio mas houve logo um homem que anunciou:

- Vou ligar para o 112.
- Não faça isso! — gritaram os três rapazes em coro.
- O homem ficou atónito.
- Não faço isso porquê?
- Porque não é preciso! — disse o João pondo-se de pé. — Nós... a... tratamos do assunto.

A rapariga abriu os olhos, pestanejou e tossiu. Nessa altura fechou-se um cerco à volta dela, um cerco tão

apertado que ninguém se podia mexer. Para estupefacção geral, a rapariga esboçou um sorriso e estendeu a mão ao Chico para ele a ajudar a pôr-se em pé. Já a apertar a blusa disse a última coisa que as pessoas esperavam ouvir:

— Só te esqueceste de me desapertar o botão dos jeans!

A assistência entreolhou-se escandalizada.

— Mas o que vem a ser isto?

— Vocês são malucos ou quê?

— Vieram para aqui fazer poucas-vergonhas?

— Nós podemos explicar — tentou a Luísa.

— É que fazemos parte do grupo — arriscou a Teresa.

A intervenção das gémeas aumentou ainda mais a fúria colectiva.

— Do grupo? Quer dizer que resolveram vir em grupo gozar quem trabalha?

— Não é nada disso...

— Nós andamos numa actividade...

— Que actividade?

— Só se for de educação sexual em autocarros.

— Malandros!

— Os senhores não estão a perceber — interrompeu a rapariga falando bem alto. — Não viram que eu fingei desmaiá?

— Sim, sim, mas para quê? Para os rapazes te desapertarem a blusa?

Ela corou violentamente e lançou ao homem um olhar furibundo.

— Eu não admito. O senhor não está a enten-der — repetiu.

— Ai não que não estou! Percebi tudo muito bem e até te digo que nunca assisti a uma cena destas na minha vida.

Nesse momento, o autocarro chegou à paragem, imobilizou-se, as portas abriram, muitas pessoas saíram,

umas a rir outras a resmungar.

- Esta malta nova só pensa em divertir-se.
- Não têm é vergonha na cara.
- Ora, deixem-nos lá. É da idade.
- Também não admira, é o que vêem na televisão a toda a hora.

As gémeas tinham-se juntado aos amigos e os cinco formaram um círculo à volta da rapariga que se encostara a uma janela e continuava chateadíssima.

- Não ligue!
- As pessoas também não podem adivinhar o que andamos a fazer.
- Mas podiam perguntar.
- Hum... não tiveram tempo — disse a Teresa.
- E disseram a primeira coisa que lhes veio à cabeça — acrescentou a Luísa. — Aposto que neste momento já ninguém se lembra do que se passou aqui no autocarro.

Uma curva apertada fê-los perder o equilíbrio e iam caindo todos em cima dela mas seguraram-se e riram.

- Afinal como é que você se chama? — perguntou o Pedro.
- Cremilde.
- E faz parte da organização?
- Não. Mas tenho vários cursos e ofereço-me sempre como voluntária para os treinos. Acham que fiz bem o meu papel?

— Lindamente — respondeu o Chico com toda a sinceridade. — Quando você caiu, pensei que era a pessoa contratada para fazer o exercício. Mas depois, como não lhe senti a respiração, fiquei aflitíssimo.

- Pensaste que eu estava mesmo a passar-me?
- Sim.

— É natural. Porque consigo suster a respiração durante bastante tempo.

— Pratica mergulho?

— Pratico. Além disso, já participei em tantos treinos que me tenho aperfeiçoado em vários papéis. Sou capaz de fingir que desmaiei, que não respiro, que fiquei em estado de choque, que parti um braço, que tenho tonturas, que estou a sangrar...

— Então dava para actriz — comentou o João.

Cremilde sorriu satisfeita.

— Talvez. Mas só para papéis curtos em filmes de catástrofe.

— Deve ser bem divertido. Se um dia a convidarem e quiserem mais um, chame-nos e nós gritamos consigo em altos berros.

— Combinado — disse Cremilde na brincadeira.

— Olhe lá, como é que faz para fingir que sangra?

— Antigamente usava tinta vermelha. Agora até há um produto que se chama sangue artificial. Quando se quer ter a certeza de que os participantes do curso conseguem prestar socorros a quem está a sangrar, usamos uma bolsinha escondida e fazemos a cena completa. Se a pessoa vira a cara para o lado ou foge, já sabemos que com esse não podemos contar em acidentes graves.

— E chumbam-na em Primeiros Socorros?

— Nestes cursos não se trata de passar ou chumbar. As pessoas têm que fazer experiências para saberem como reagem em situações complicadas. Se perceberem que têm coragem para tudo, óptimo. Se não, preparam-se para prestar assistência em certos casos e já sabem que outros têm que pedir ajuda. Porque se tentarem o que não aguentam, dá asneira.

— Claro — disse o Pedro. — Se um tipo vomita sempre que vê sangue, não convém que se aproxime de feridos.

O autocarro, que agora ia quase vazio, parou outra vez. Era ali que tinham de se apear. E viram logo o monitor-chefe a acenar-lhes do café em frente.

— Olha o Dirceu! Sempre veio esperar-nos!

— Ainda bem!

O curso em que se tinham inscrito já durava há três semanas. Viam Dirceu quase todos os dias e adoravam-no porque era alegre e simpático, porque tinha ideias fantásticas, porque se envolvia completamente em tudo o que organizava e porque tinha a extraordinária capacidade de orientar os alunos para darem o melhor de si próprios. As gémeas adoravam-no também por um motivo semi-secreto: tal como as outras raparigas, achavam-no giro de cair para o lado! Não se podia dizer que estivessem apaixonadas por ele mas também não se podia dizer que não estivessem.

Quando entraram no café, Dirceu engoliu o último pedaço de queque, bebeu o resto do sumo e convidou-os a sentarem-se.

— Então, Cremilde, que tal se portaram estes nossos amigos? Passaram no teste?

— Passaram. Mas armou-se para lá uma confusão que nem calculas.

— Porquê?

— Por causa da respiração boca a boca.

— E de lhe desapertarmos a blusa.

— Vocês fizeram isso? — perguntou Dirceu com desagrado.

— Claro — disse o Chico. — Não é o que se deve fazer quando uma pessoa fica sem respirar?

— É. Mas só estava previsto o desmaio.

— Então a culpa foi minha — atalhou Cremilde. — Percebi mal as instruções, julguei que querias um desmaio mais completo para saberes se este grupo reagia como tu ensinaste.

— Pelos vistos, reagiu — comentou Dirceu de novo risonho e bem-disposto. — E dá para imaginar a cena. Deve ter sido do melhor.

— Para mim, foi do pior.

— Não digas isso, Cremilde. Esta noite há-de haver muitas famílias a falar de ti.

— De ti e de nós...

A recordação divertia-os, repetiram os pormenores entre gargalhadas e falando ao mesmo tempo. Apesar da balbúrdia, Dirceu acompanhou o relato sem a menor dificuldade e até riu com eles como se tivesse assistido a tudo.

— Bom, se neste curso houvesse notas, vocês tinham uma alta nota no teste de reanimação em autocarro.

— E nos outros, Dirceu? Quando estivemos no prédio em ruínas à procura de sobreviventes, encontrámos imensos.

— Mas não encontraram todos porque um dos voluntários soube esconder-se muito bem. E se querem a minha opinião sincera, a grande estrela desse exercício foi o *Faial*.

O grupo concordou e João acrescentou:

— Ele é o máximo. O meu cão é o máximo.

— O *Caracol* também não se portou nada mal — lembraram as gémeas —, quando viu aquela mulher que se enfiou num *bidon* debaixo das pedras, fartou-se de ganir para chamar a atenção.

— É verdade. Acho que também lhe dou diploma de socorrista — concluiu o Dirceu no gozo. — Mas agora...

João não o deixou acabar a frase e puxou-lhe pela manga:

— Desculpe lá interromper, mas eu queria saber uma coisa: sempre leva os nossos cães para o encontro final?

— Com certeza. Nunca falto a uma promessa. E nem a festa era festa se os cães não estivessem lá.

— Vai ser superdivertido. Apetece-me imenso!

— A mim também. Foi óptima ideia reunir a malta toda do curso num acampamento.

— Pois foi. Mas agora não me interrompam que eu tenho informações a dar. Não quero falhas na organização.

O grupo calou-se e Dirceu pôde então dar as instruções necessárias. Eles ouviram-no, atentos como sempre. Tinham adorado o curso de Primeiros Socorros e a perspectiva de se reunirem com imensa gente da idade deles na quinta à beira do rio onde seriam distribuídos os diplomas não podia agradar-lhes mais.

Dirceu distribuiu mapas, distribuiu listas do que tinham de levar e terminou com uma notícia absolutamente inesperada:

— Na viagem para o acampamento há um último treino-surpresa que não é fácil. Quem reagir depressa e bem, além do diploma, recebe uma medalha de honra.

— Eu quero receber!

— E nós também.

— Então não se distraiam. Têm que ir de olhos bem abertos, têm que ir em estado de alerta.

— E vamos — prometeu o Chico. — Mas o Dirceu ainda não nos disse que meio de transporte é que nos calhou.

— Comboio. O que torna a prova mais excitante porque não pára em qualquer lado e porque tem muitas carruagens e muitos passageiros. Mas como vocês são um dos melhores grupos do curso, acho que vão conseguir óptimos resultados no teste.

O elogio agradou-lhes mas nenhum deles conseguiu imaginar qual seria a situação de crise. Chico olhou de soslaio para a Cremilde tentando adivinhar se ela sabia o que se ia passar e se bem conversada não deixaria cair uma pista. Por azar, ela percebeu e riu-se:

— Não estejas com ideias porque eu não sei nada. E mesmo que soubesse... não te dizia. No imprevisto é que está o desafio.

— Exacto — aprovou Dirceu. — A única coisa que podem saber é que vão ao encontro de uma prova difícil. Preparem-se para uma aventura no comboio.

Capítulo 2

Qual será o teste?

No dia seguinte, bem cedo pela manhã, encontraram-se na Estação do Oriente. Pedro levantara os bilhetes na véspera e foi ele quem procurou no quadro luminoso das partidas a linha para onde se deviam dirigir.

— Linha 1 — anunciou de forma solene, como se fosse responsável por uma excursão. — Vamos no Alfa Pendular directos a Porto-Campanhã.

— O que é que te deu? Resolveste armar em guia turístico?

— Resolvi. E acho que tenho jeito, por isso continuo. Sigam-me.

Encaminhou-se para a escada rolante, os outros foram atrás, de mochilas ao ombro, e a Teresa decidiu prolongar a teatrada.

— Olhe, faz favor...

Pedro olhou-a surpreendido.

— Hã?

— O comboio chama-se Pendular porque anda de Lisboa para o Porto e do Porto para Lisboa como se fosse um pêndulo?

Ele riu-se e encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Mas não me cheira.

João franziu o nariz.

— A mim cheira-me é a bolos!

Mal puseram o pé na plataforma de embarque, viram os ditos bolos a serem distribuídos por uma senhora às

crianças que levava consigo rumo a outra linha. Uma leve brisa espalhava pelo ar partículas de açúcar e de canela onde não podiam meter o dente.

— Que fome!

— A estas horas? Não tomaste o pequeno-almoço?

— Tomei. E vou tomar outro.

Chico pousou a mochila num banco, abriu o fecho e revolveu a roupa à procura do saco onde enfiara o farnel. As gémeas sentaram-se. Pedro e João preferiram continuar em movimento e foram caminhando juntos pela plataforma a olhar em volta.

— Pelos vistos não vai mais ninguém do curso neste comboio.

— Pois não. O Dirceu disse que só íamos nós.

— Ah! Não ouvi!

— Mas o voluntário que há-de fingir um acidente tem de viajar connosco.

— Achas que é alguma destas pessoas?

— Talvez.

Tinham andado bastante, resolveram voltar para trás e observar os passageiros que estavam em pé ou sentados de frente para a Linha 1. Mas nenhum correspondia ao modelo de voluntários que tinham conhecido nos diversos treinos.

— Estes são muito velhos, aqueles são muito novos.

— Se calhar, o nosso parceiro ainda não chegou.

— Ou talvez já venha dentro do comboio. Pode ter embarcado em Santa Apolónia.

— Que raio de cena é que terão preparado?

— Não faço ideia, mas o Dirceu preveniu que ia ser um caso difícil.

— Eu gostava de ganhar a medalha de honra.

— E quem é que não gostava?